



# REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CUIABÁ

20

2000

40

## DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO TERTULIANO AMARILHA

Chego com muita humildade a este sodalício, onde resplandeceram, e ainda resplandecem, inteligências privilegiadas de notáveis pensadores.

Devo ressaltar, de início, que jamais alimentei sonho de um dia adentrar, desta maneira, com as pompas da glória, este recinto maravilhoso, onde o homenageado sempre é alvo de carinho e atenção por parte dos preclaros acadêmicos e da culta assistência.

Na minha infância, na outrora florescente Campanário, antiga sede da Companhia Mate Laranjeira, no Grupo Escolar onde tomei contacto, pela primeira vez, com as letras do alfabeto, nas festas cívicas cantava-se com entusiasmo o *Hino a Mato Grosso*, do imortal poeta Dom Aquino Corrêa.

Eu me empolgava com os versos que exaltavam a beleza da terra mato-grossense daqueles tempos, porque constituíam retrato perfeito dum quadro que nossos olhos podiam contemplar extasiados.

A poesia de Dom Aquino, já na longínqua infância, exercia forte influência sobre a minha sensibilidade, e a minha admiração, dia a dia, mais se acentuava em relação à sua ilustre pessoa e à veia poética que o elevava ao auge da fama.

Imaginava eu, naquela época, que só um ser ungido por Deus poderia falar tão bem das coisas da natureza.

Esse foi o meu primeiro contacto com os versos de lavra de um grande e verdadeiro poeta. E anos afora, em todos os lugares que percorri, sempre soavam aos meus ouvidos as estrofes imortais do inigualável vate:

*LIMITANDO QUAL NOVO COLOSSO  
O OCIDENTE DO IMENSO BRASIL,  
EIS AQUI, SEMPRE EM FLOR, MATO GROSSO,  
NOSSO BERÇO GLORIOSO E GENTIL.*

*O DIAMANTE SORRI NAS GRUPIARAS  
DOS TEUS RIOS QUE JORRAM A FLUX,  
A HULHA BRANCA DAS ÁGUAS TÃO CLARAS  
EM CASCATAS DE FORÇA E DE LUZ.*

*NO TEU VERDE PLANALTO ESCAMPADO,  
E NOS TEUS VERDES PANTANAIS COMO O MAR,  
VIVE SOLTO, AOS MILHÕES, O TEU GADO,  
EM MIMOSAS PASTAGENS SEM PAR!*

É quase inacreditável que nesta noite memorável eu, aqui esteja, no

mesmo lugar que o grande Dom Aquino Corrêa iluminou com sua brilhante inteligência, para gáudio dos seus felizes conterrâneos. Pena que quando aqui aportei, o gênio de há muito deixara de existir fisicamente. Só encontrei as flores do seu talento, que espalhou pelas sendas do mundo, cada vez mais viçosas e que não murcharão jamais.

Devo a minha vinda a Cuiabá, a encantadora Capital mato-grossense, ao insigne estadista Dr. JOSÉ MANOEL FONTANILLAS FRAGELLI, ex-Governador do Estado de Mato Grosso e atual Presidente do Senado Federal. Não fosse a oportunidade que ele me proporcionou, creio que seria impossível a minha vinda para cá.

Fala-se em determinismo; posso até acreditar nisso, e é bem provável que esse fenômeno tenha contribuído para que houvesse inesperada mudança no meu destino. Embora a fama de Cuiabá, de Capital da cultura, exercesse sobre mim forte atração, as dificuldades eram muitas para a realização de meu intento, nas condições em que me encontrava no sul de Mato Grosso de outrora, praticamente insuperáveis. Por outro lado, tinha receio em expor minha modesta arte aos cultos homens de letras da famosa e lendária Cuiabá. Todavia, a gente pensa dum jeito e Deus decide a seu modo.

Embora ignorasse, o tempo comprovou que eu estava fadado a permanecer num limitado círculo cultural; teria de expandir o raio de ação, e isso, inevitavelmente, ocorreu.

Cuiabá me recebeu de braços abertos!

Logo, devido à função que exercia no Palácio Alencastro, fácil me foi entrar em contacto com esta aprazível Capital, onde conheci pessoas que primam pela decência e lhaneza de trato. Fiquei fascinado pela simplicidade e espírito hospitaleiro da gente cuiabana.

O aspecto colonial das casas de Cuiabá, a história ligada à garimpagem do ouro, a fartura do peixe, a cultura do povo, o folclore, o respeito às tradições, constituíram atrativos para mim, pois eram coisas inexistentes nos lugares onde anteriormente residi.

Orgulhei-me do fato de viver na Meca das grandes inteligências do Estado, o que indubitavelmente, haveria de contribuir para guiar-me com mais firmeza pelos difíceis caminhos da arte de manejar a pena.

E assim decorreram 14 anos, desde o dia em que aportei a esta incomparável terra.

Cuiabá tem sido, para mim, cenário de grandes inspirações. Fazendo um retrospecto ao seu passado, usufruindo as alegrias do seu presente ou antevendo o seu futuro aureolado de glórias, sinto a emoção apossar-se do

meu coração, dando-me a certeza de que Deus me concedeu a graça de morar no paraíso, após fracassadas tentativas de alcançar a felicidade em outros Estados, por onde o destino me levou.

Apesar de sentir vocação para as letras desde os meus primeiros tempos de escola, não poderia empreender vôos maiores; os meus estudos estavam limitados apenas ao 4º ano primário, sem qualquer possibilidade aparente de ampliar o campo de conhecimento e do saber.

Meus pais, humildes cidadãos paraguaios, *campesinos* como os chamam na sua terra, premidos pela pobreza, não tinham condições financeiras satisfatórias para me proporcionar estudos em colégio fora de minha cidade natal, onde me fosse possível dar prosseguimento aos estudos.

Nessa ocasião, surgiu a mão providencial de um progressista homem de empresa e de grande coração, chamado RAUL MENDES GONÇALVES, na época, sócio proprietário da pujante Companhia Mate Laranjeira que, entusiasmado com o meu progresso na escola local, decidiu manter-me às suas expensas, num colégio em Campo Grande pelo espaço de seis anos, contribuindo sobremaneira para a minha melhor formação cultural, pois, nesse período, não me faltaram excelentes professores, dentre os quais destaco AMARO FALCÃO, que lecionava no Ginásio Osvaldo Cruz, um cuiabano por adoção e muito ligado ao Parnaso. Com ele obtive as primeiras orientações na arte poética.

As circunstâncias da vida não me permitiram cursar uma Universidade. Daí para a frente os conhecimentos me advieram da leitura, do esforço auto-didático e das lições da vida.

Essa é a razão, Senhores Confrades, pela qual não vos trago citações eruditas, como é hábito fazerem os novos acadêmicos por ocasião de sua posse.

Raul Mendes Gonçalves, o popular "Dom Raul", que foi, na realidade, o meu grande benfeitor, era argentino e residia em Buenos Aires. Faleceu há muitos anos, mas ao evocar o seu nome, rendo-lhe comovido preito de gratidão.

Meus pais e irmãos também terão sempre o meu reconhecimento. Os conselhos e apoio dados infundiram em mim os princípios básicos de honradez e desmedido amor ao trabalho, fatores que contribuíram de forma decisiva para poder suportar sem esmorecimento os duros embates da vida.

Senhoras e Senhores!

Por deferência muito honrosa dos integrantes da Academia Mato-

Grossense de Letras que, num gesto sincero e generoso me obsequiaram com os seus votos, dando-me assim oportunidade de agasalhar-me sob o teto desta Casa que zela pela cultura de Mato Grosso, aqui me encontro para ocupar a Cadeira nº 23, que tem como Patrono Antônio Gonçalves de Carvalho, como primeiro ocupante Raimundo Maranhão Ayres, e como meu antecessor Agenor Ferreira Leão.

### UM GRANDE PATRONO ANTÔNIO GONÇALVES DE CARVALHO

O Patrono da Cadeira, nascido no Rio de Janeiro e diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, veio ser juiz em Cuiabá.

Jurista de méritos, foi auditor de Guerra na Província durante a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai.

Tornando-se político mais tarde, elegeu-se Deputado em 1881, para concluir sua vida pública novamente como jurista, brilhando como membro do Supremo Tribunal Federal.

Foi consagrado poeta e jornalista;

Usava os pseudônimos de A. Bueno e Americano.

Deu divulgação em 1877 ao trabalho *Cartas a Sir William A.* que, posteriormente foram reunidas em volume sob o título *A Estrada de Ferro para Mato Grosso e Bolívia.*

Dotado e muita inspiração, tinha grande facilidade de expressão para transmitir os seus sentimentos.

Adepto do romantismo, como os poetas de sua época, e talvez empolgado com os deliciosos versos de Casimiro de Abreu e de Fagundes Varela, enveredou-se pelo reino encantado dos sonhos e amenos devaneios, fazendo brotar de dentro do seu peito a fonte do seu adocicado lirismo.

Seus versos, suaves e espontâneos, fazem-nos lembrar os regatos que serpenteiam no coração da mata milenar, arrastando consigo o festivo gorjeio da aves e a policromia das flores ribeirinhas.

Gonçalves de Carvalho notabilizou-se em Mato Grosso através de uma composição poética intitulada *Flor de Neve* que, por certo, dedicara à sua amada, ou àquela que fazia vibrar o seu coração de menestrel apaixonado.

Ficou conhecido, por isso, como *o poeta da Flor de Neve.*

A poesia que o imortalizou foi a seguinte:

FLOR DE NEVE

*Se a neve fosse planta e flor tivesse  
tu serias da neve a flor, gerada  
da fria viração ao tênue sopro  
à luz da lua, aos beijos duma fada.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse  
tu serias da neve a flor mais bela  
que brilhando na etérea imensidade  
fanal de amor - , adamantina estrela.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,  
tu serias da neve a flor tão pura!  
Ah! teriam em ti achado os homens  
o símbolo da mais cândida ventura!*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,  
tu serias da neve a flor bendita ...  
causarias ciúme aos próprios lírios  
que dos jardins do céu a brisa agita.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,  
tu serias da neve a flor querida,  
no meio dos invernos – primavera,  
sobre o gelado chão – ardor da vida!*

*Melhor que a flor da neve, és tu, formosa  
alvo anjinho do céu baixado ao mundo  
para servir de tipo de beleza  
e os peitos receber de amor profundo.*

Observa-se que o estro do poeta era fecundo e que a sua imaginação, rica de idéias e imagens, levava-o a regiões que, para outros, seriam inacessíveis.

Suas emoções artísticas eram exteriorizadas através de versos que refletiam temperamento delicado e espontaneidade de linguagem.

Graças ao seu sacerdócio poético e à sua acendrada dedicação ao jornalismo, conseguiu polarizar as atenções dos homens ilustrados do seu tempo, inscrevendo o seu nome entre os daqueles que contribuíram para enriquecimento do acervo cultural de Mato Grosso.

## RAIMUNDO MARANHÃO AYRES

Conforme registros anteriormente feitos nesta Academia, Raimundo Maranhão Ayres, por ocasião de sua posse como sócio efetivo, foi saudado pelo eminente Acadêmico Ulysses Cuiabano.

O então empossado, naquela época vinha se destacando na imprensa do Estado como jornalista de elevados méritos; mantinha atividade constante nessa área que o popularizava sobremaneira. A essa faceta notável associava o timbre de produtivo escritor, pois seus trabalhos literários vinham se avolumando, e o seu nome aureolava-se de fama e de brilho.

Jornalismo e literatura, dualidade que conservava em ebulição o seu abençoado ideal de produzir!.

Aplaudido pelos homens cultos do seu tempo e merecidamente distinguido pela crítica, o seu caminho sempre foi assinalado pelo sucesso.

Levado pelos bafejos favoráveis da sorte e do destino, e graças à sua privilegiada inteligência e espírito empreendedor, engrandeceu e enriqueceu a cultura mato-grossense, se bem que era originário de outro Estado.

A seu respeito, assim se expressou no brilhante discurso de saudação ao novo acadêmico e imortal Ulysses Cuiabano: *Maranhão não dedilhava a lira e nem percorre o Parnaso em busca de sublimidades poéticas, mas sabe interpretar com justeza, maestria e elegância as estrofes sentimentais e humanas dos aedos que lhe são familiares. Sem ser poeta, não deixa, contudo, de possuir esse precioso sentimento de penetrabilidade que se requer, para bem poder se compreender a alma dos que se entendem com as filhas de Mneumôsina, em linguagem simbólica hierática.*

Raimundo Maranhão Ayres estreou no mundo literário com a obra *Ronaldo de Carvalho*, cujo perfil de poeta foi descrito em linguagem rica e exuberante tendo merecido por isso apoteóticos aplausos dos apreciadores das belas letras tanto do Brasil quanto de outros países sul-americanos.

Ele nasceu em Carolina, Estado do Maranhão. Na sua terra natal, antes de fixar residência em Guiratinga, neste Estado, fundou um grêmio literário com a denominação *Casa Humberto de Campos* que existe até hoje; uma sociedade literária nos moldes das Academias estaduais, com agitada movimentação cultural na decantada terra maranhense.

Em Guiratinga, onde passou a residir no ano de 1945, criou o jornal *Novo Mundo*, moderno veículo da imprensa mato-grossense, que logo se transformou em *órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas* no dizer

contundente de Ulysses Cuiabano. *A nova folha se propôs a promover a aproximação das Américas, num intenso mutualismo de idéias entre os que pensam e escrevem.*

Sua bagagem literária, numa definição correta, pode-se dizer, destaca-se pela qualidade e não pela quantidade. Provém daí o aproveitamento melhor dos frutos imarcescíveis do seu talento sempre colocado em realce pelos que apreciam criação dessa natureza.

A maior parte dos seus trabalhos literários permanece inédita. É bem provável que algum dia cheguem até nós, para deleite de nossa mente e espírito, enfeixadas em livros, as páginas imperecíveis e bem buriladas do escritor que viveu momentos de glória na sua efêmera passagem pela esfera terrena.

Quando isso ocorrer, estarão diante de nossos ávidos olhares os trabalhos de sua autoria ainda não perlustrados pelas gerações de hoje: *Centelhas de Alvorada, Poesia do Caminho, Figuras Contemporâneas, O parnasianismo de Alberto de Oliveira, A poesia moderna de Jorge de Lima, Zweig – Escritor da Atualidade*, certamente seguidos de outros ainda inéditos, aguardando oportunidade para virem a lume. Então poderá avaliar-se melhor quanto ao que representa o nome de Raimundo Maranhão Ayres diante da monumental cultura do Estado de Mato Grosso, da qual ele, comprovadamente, é partícipe.

O grande escritor faleceu em julho de 1972. Partiu, deixando atrás de si, os fulgores de fecunda sabedoria, fontes de perene luz, para que neles possam abeberar-se aqueles que buscam refúgio no manancial das imorredouras criações literárias.

### **AGENOR FERREIRA LEÃO**

A Cadeira nº 23 parece ter tido o seu destino ligado a Guiratinga. Raimundo Maranhão Ayres, como já foi mencionado, lá desenvolveu memoráveis lides jornalísticas, e Agenor Ferreira Leão, poeta e jornalista nascido na Bahia, também lá residiu, chegando mesmo a contrair núpcias naquela cidade.

Com o correr dos anos, Agenor, o meu ilustre antecessor, transferiu residência para Cuiabá, onde se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais, na 1ª turma da antiga Faculdade de Direito, precursora da atual Universidade.

Desde adolescente revelou ele as suas tendências para a poesia.

Sua produção intelectual, como se pode notar, foi polimorfa, pois a mesma abrangia variados nossa Capital.

Na qualidade de membro da Ordem dos Advogados do Brasil representou essa instituição em diversos Congressos realizados no país.

Embora tenha colaborado constantemente nos jornais e revistas de nossa Capital, sua produção, tão do agrado dos leitores, não chegou a ser enfeixada em livros. Creio que isso ocorreu por desinteresse do próprio poeta, cuja alma era lira ambulante que a todos embevecia com os seus sonoros acordes. Mas tal fato não deslustra o seu admirável talento.

Mesmo que esparsa, sua obra será imorredoura.

Agenor tinha coração sensível de artista e sabia se fazer compreendido, porque seus poemas eram mensagens de otimismo e de esperança.

Tive o privilégio de conhecê-lo, pessoalmente. Fomos bons amigos. O mesmo ideal de culto às musas que nutríamos proporcionava-nos aquele clima fraterno de cordialidade que reinou entre nós até os últimos dias de sua existência.

Agenor Leão viveu intensamente uma vida agitada e dramática, e em plena floração de sua atividade intelectual foi subitamente colhido pela morte, vítima de um enfarte, a 22 de fevereiro de 1983.

Seus companheiros de ideais evocam com saudade a figura exponencial do íntegro advogado, que soube notabilizar-se através de renhidas lutas na área jurídica e do aedo de alma serena, estuante de felicidade diante das belezas do universo.

A solidão é o melhor refúgio para quem vive ensimesmado, alheio ao mundo exterior.

A poesia nasce nos calmos remansos onde os anjos se debruçam para esparzirem os doces aromas da paz celestial.

E num recanto silencioso, alma em contrição, ele, Agenor, o versejador sentimental, passava suas horas de lazer, escrevendo maravilhosas estrofes como estas:

### Solidão

*É minha filosofia...  
é coisa que não oculto...  
amo a paz da noite fria,  
detesto a vida em tumulto.*

*Quero pensar como Cristo  
no Jardim das Oliveiras,  
solitário, sem ser visto,*

*sem algemas e fronteiras.*

*Prefiro ficar comigo  
com minha filosofia,  
na solidão, sem amigo,  
amando a minha poesia.*

*O barulho me perturba,  
busco harmonia, o tranqüilo,  
troco a algazarra da turba  
por um remanso do Nilo.*

Tudo na vida é transitório; num abrir e fechar de olhos o quadro pode mudar, e o que era promessa de amor e felicidade, sem que se espere, pode transformar-se em nuvens a toldarem os horizontes antes azulados.

Agenor Leão amava a natureza. Daí o seu inconformismo quando, no mês de agosto, via o fogo devastar com fúria incontrolável, matas e campinas, deixando na sua passagem a marca terrível da destruição. Aquela verde vegetação que abrigava o mundo encantado de pássaros, flores e borboletas, não resistindo à violência das sinistras labaredas, aos olhos do poeta, exibia o aspecto desolador provocado pela insensatez do homem, impassível diante do efeito de suas criminosas ações.

E assim, ele se manifesta:

*Mês de agosto ... campo seco,  
alguém, talvez por maldade,  
ateia fogo à canícula.*

*Ó fogo horrendo, sinistro,  
que o campo seco incendeia,  
eu maldigo a tua fome  
que devora, em combustão,  
toda a vida que sonhava  
a glória da floração.*

*A macega toda estala,  
o fumo escurece os ares  
e o céu nivoso da cinza  
cobre o cadáver da vida  
estendido sobre o chão.*

*Fumaça de fogo rubro  
que tanta vida ceifou...  
agosto, setembro, outubro,  
em cinzas tudo ficou.*

*Fumaça, fim da esperança  
que não viu gota de orvalho,  
triste destino que alcança  
a vida de cada galho.*

**Em O boêmio, talvez voltado a uma reminiscência subjetiva, porque todo poeta possui tendência nômade, na sua vida de sonhos e aventuras, ele retrata com maestria o anedjo que provavelmente morava dentro de sua própria alma:**

*Era pobre de matéria...  
Era rico de moral  
- não conhecia tabus...  
tinha espírito bondoso,  
  
sorrisos para os amigos,  
um bate-papo agradável,  
e carregava nas costas  
o fardo cheiro e bojudo  
de sonhos, flores e espinhos  
colhidos em muitos lustros  
sobre o chão dos seus caminhos.  
A vida, fora-lhe mestra.  
Aprendera muita coisa...  
Podia ser professor...  
Ao nascer trouxe consigo  
o destino já traçado:  
- ser boêmio... e nada mais!  
  
BOEMIA! BOEMIA!  
- a sua filosofia.*

Todas as cidades têm seus tipos populares. São pessoas, quase sempre desajustadas que não tiveram os bafejos da sorte.

Criaturas assim tornam-se notórias e passam a integrar o folclore da cidade.

Cuiabá não poderia constituir exceção, e também teve a sua célebre *Maria Taquara*, muito bem caracterizada nestes versos magistrais de Agenor Leão:

*Nascera mulher! Seu berço? - que importa?  
- perdeu-se no tempo! Seu nome? - Se o teve,  
se foi batizada, ninguém dá notícia!  
Infância? - meu Deus, que louca pergunta!  
Será que foi bela no tempo de moça?*

*Tivera paixões ardentes, de amor?  
Quem pode saber? – Ninguém o responde!*

*Um zero na vida – eis quanto valia!  
Morava sozinha à margem da estrada  
barrenta, no mato, em choça de flandre,  
além do quartel.*

*Em noite de lua, fumando cigarro  
comprido, de palha, sem ter companhia,  
ficava tranqüila sentada no chão,  
momentos sem conta, ao lado de fora  
de sua choupana.*

*Mas era mulher!...  
Sentia nas carnes  
surradas de tempo,  
feridas de espinhos  
da senda maldosa  
da vida sem glória,  
volúpias de amor.*

*Por isto, sem dúvida,  
na sua cabana  
fincada no morro,  
à borda da estrada,  
metida no mato,  
de modo discreto,  
no bojo da noite,  
soldado, estudante,  
talvez gente-bem,  
em cortes de amor,  
matavam a fome  
do instinto rebelde  
que dentro de si  
bradava por carne de fêmea lasciva,  
matando, igualmente, os grandes desejos  
do corpo faminto da dona da choça  
que tudo lhes dava.*

*Um dia, na rua, alguém, galhofando,  
chamou-a sorrindo: "Maria Taquara".  
Mas ela, de chofre, que não aceitava  
de forma nenhuma aquele apelido,  
bastante humorada, voltendo à pessoa  
que assim a chama, lhe disse o seguinte:*

*"- agora, de dia,  
Maria Taquara...  
Depois, quando é noite,  
Maria, meu bem..."*

*A sorte avarenta nem mesmo de chofre  
a flor dum sorriso jogou a seus pés*

*Até a esperança que longe, distante,  
ostenta a coroa de glória, de luz,  
no vasto horizonte do céu do porvir,  
nem mesmo brincando, um gesto de mão  
lhe quis dirigir.*

*A morte invencível rondava-lhe os passos,  
faminta, qual ave de garras aduncas  
que exerce a rapina.*

*Um dia... tristeza!  
Ninguém mais falou:  
- Maria Taquara!*

## **A ACADEMIA**

A cultura de um povo marca a sua posição na escala do universo. Já houve quem dissesse que é feliz a nação que tem homens cultos e sábios.

A humanidade, sem a literatura, desceria ao nada. Mas, alicerçada na inteligência e no saber, projeta-se para o alto, afastando-se das trevas, para sorver os eflúvios da eterna bem-aventurança.

No meu entender, o objetivo das Academias de Letras é congregar homens que se destaquem através de sua produção intelectual de múltipla natureza, resultante de profundas pesquisas e da criatividade de espírito.

Cientistas, escritores ou poetas, todos buscam o aprimoramento cultural. Dessa forma, aperfeiçoam o espírito, munindo-se de conhecimentos científicos ou filosóficos que lhes permitam gloriosa ascensão no cenário das forças do pensamento.

Os homens pensam e agem de forma diversa, mas os intelectuais vivem num mundo à parte, não podem ser comparados aos demais mortais.

Neles os pensamentos fervilham e as frases jorram fluentemente formando inesgotável correnteza de manifestações espontâneas diante das perspectivas que o cotidiano oferece.

A Academia Mato-Grossense de Letras é um firmamento constelado onde fulguram estrelas que são seus Patronos e Sócios, imortalizados pela herança de sua inteligência e cultura.

**SENHORES ACADÊMICOS!**

A caminhada do acadêmico está sujeita a inevitáveis percalços. Inúmeros são os obstáculos que se antepõem aos nossos passos, aos nossos ideais de criatividade. E nós, que cultivamos as letras, devemos enfrentar com firmeza esses impasses, sem nos afastarmos de nossos nobres propósitos.

A perseverança deve ser o escudo a nos proteger contra as farpas das críticas malévolas.

Cada minuto de nossas vidas deve ser vivido com intensidade.

Jamais devemos deixar-nos dominar pelo desalento ou pela dúvida, que conduzem às derrotas. Nosso pensamento deve estar sempre voltado para a causa que nos anima, de transformar em ações concretas os impulsos de nossa alma e de nosso coração.

Sabemos que Deus está acima de tudo. Seja pois, Ele, o nosso guia nas árduas caminhadas, o farol que há de guiar-nos, afastando-nos dos abismos da indecisão e do desânimo.

A luta é a essência da vida do homem!

**SENHORAS E SENHORES!**

Antes de concluir, desejo prestar duas homenagens:

A primeira ao Ex-Senador da República Vicente Emílio Vuolo que, demonstrando coração sensível às manifestações artísticas, interessou-se, ao máximo, para que o meu livro *Vitrais do Poente* fosse editado através da Gráfica do Senado Federal, em Brasília. Graças a essa publicação, o General Ramalho Eanes, quando no exercício da Presidência da República, colocou à minha disposição as Embaixadas de Portugal, para divulgação dos meus trabalhos literários nos países da África onde se fala a língua portuguesa. Essa luz no meu caminho devo-a ao grande político mato-grossense e meu preclaro amigo Vicente Emílio Vuolo.

A outra homenagem é para minha idolatrada esposa GUIOMAR, a companheira fiel e dedicada. Sem o seu apoio, sem o seu estímulo, sem a sua compreensão, eu jamais chegaria a esta culminância. Em reconhecimento a esse gesto de ilimitado amor e espírito de renúncia, transfiro para ela todas as honrarias que me são concedidas nesta noite.

Muito obrigado!